

ESTRATÉGIAS DE FELICIDADE E CONHECIMENTO

Jão Martins Pereira, quem é? «O Dito e o Feito (cadernos 1984-1987)» faz nova apresentação: publicado há dois meses e pouco, é um livro de percurso, de interrogações, de curiosidades, de tenacidades.

Mas o autor não é novato em tais andanças: o nome fundamental da reflexão da esquerda portuguesa dos últimos vinte anos, Martins Pereira tem representado sempre a linha de exigência e intransigência de um marxismo aberto e com conhecimento de causa. Crítico irreductível do *capitalismo quotidiano* — que é agora o *tempo* deste último livro — começou há muito um paciente trabalho de desmontagem: com «Pensar Portugal Hoje» (1971) apresentou a primeira análise antecipadora do movimento de modernização do capitalismo português, por via de um europeísmo tecido nas malhas apertadas da marcelização da ditadura: Rogério Martins e os participantes de um então célebre colóquio acerca da «Nova Política Industrial» foram os bombos da festa — e a actualidade do livro até pode ser medida pelo papel que hoje desempenham esses homens, convertidos à nova democracia e ao poder de sempre. Depois veio a radiografia do sistema industrial («Indústria, Ideologia e Quotidiano», 1974) logo seguido da outra face da moeda, a estratégia política de um movimento, ainda no calor dos acontecimentos («O Socialismo, a Transição e o Caso Português», 1976).

De socialismo se tratava ainda em «Sistemas Económicos e Consciência Social» (1980), porventura o texto mais importante de quanto foi escrito entre nós para a compreensão da crise do «socialismo real»: os entusiastas de Gorbachev e Aganbeguian não poderão deixar de ler este livro com alguma inquietação, porque não os tranquilizará acerca das reformas económicas e do «modelo húngaro», cujas aberturas a Ocidente conduziram a uma desregulação selvagem e a uma crise económica durável com todas as desvantagens do mercado e nenhuma da planificação.

Com o «Reino dos Falsos Avestruzes» (1983) foi a vez de um panfleto político contra o situacionismo de uma intelectualidade que vogava nas marés do poder e na órbita de Belém — qualquer que fosse o inquilino. A academia, preten-

çiosa e consumidora de moda, tem o seu retrato enquanto criança — e muito debate se lhe seguiu.

Com «O Dito e o Feito» é de um novo encontro que se trata. O livro cruza uma ficção com a realidade. Mas qual é uma e qual é outra? Na realidade, são textos de apontamentos de um caderno, diário confidente de muito humor, algum sarcasmo e imensa atenção: notas de um dito na TV,



FRANCISCO LOUÇA

a grandiloquência de um ministro a proclamar a viabilidade do V Império e a superioridade inevitável dos portugueses nas vantagens comparativas da CEE, frases do «DN» ou de outro jornal, registos de viagens, conversas soltas. É um *olhar*, atento. E, depois, a ficção: a história contada, imaginada, ou só escrita, de uma amizade, de um tempo que passa, de uma carreira típica de que alguém, um

outro, não precisou de se arrependo para ainda ser credível, que não demais porque para tanto não ch sinceridade — é a evolução de um público, da esquerda para a direita co central, depois de abandonar alg vaneios adolescentes.

E, entre a história e a escrita, vão do as imagens, os olhares: de uma S radigma da civilização e na qual pou te gostaria de viver, da pequenez d arte, de um debate com Vicente Jo va, ao tempo editorialista do «Exp também de Locke, de Hobbes, de M

ne, de um diálogo nente com as idei vendáveis dos dias, como os neo que fizeram a su *epoque* nos anos d rio. E, se muita ção junta tudo isto que é a mais rad farpas contra esse lismo quotidiano sociedade, cujos maiores são o din prestígio, o triu aceita *apetecimen meros*, que atrave tempos mortos, e feita, muitas vez licidade que nos é tida. Desgasto-n trabalho desinter mas defendo-me do no copo que vo com os amigos, n que vou ver, na p fim—de—semana, jo físico que me a meio de uma tarç fissional, no Sp —Benfica do próx mingo, e por aí nisto até há um compreensão, poi to mais me ocup refas não apet maior o prazer qu do apetecimento, sa apetecida.

Esses são, no c apetecimentos ver teriores ao sistem por isso mesmo, c duzem. Extravag suspeito, subvers apetecimento em fundem todas as dens, todas as re todos os desejos, l fantasias, todas as imaginadas — t revoltas. Aquele alguém no seu me zo “não ir ao empre que não lhe apete insultar um chef portátil, porque que sempre lhe ap Ou ocupar a casa c sempre sonhou, n que a autoridade vaiu. Ou seduzir proibido dos aman algumas vezes, e um texto explosi 207). Assim é.

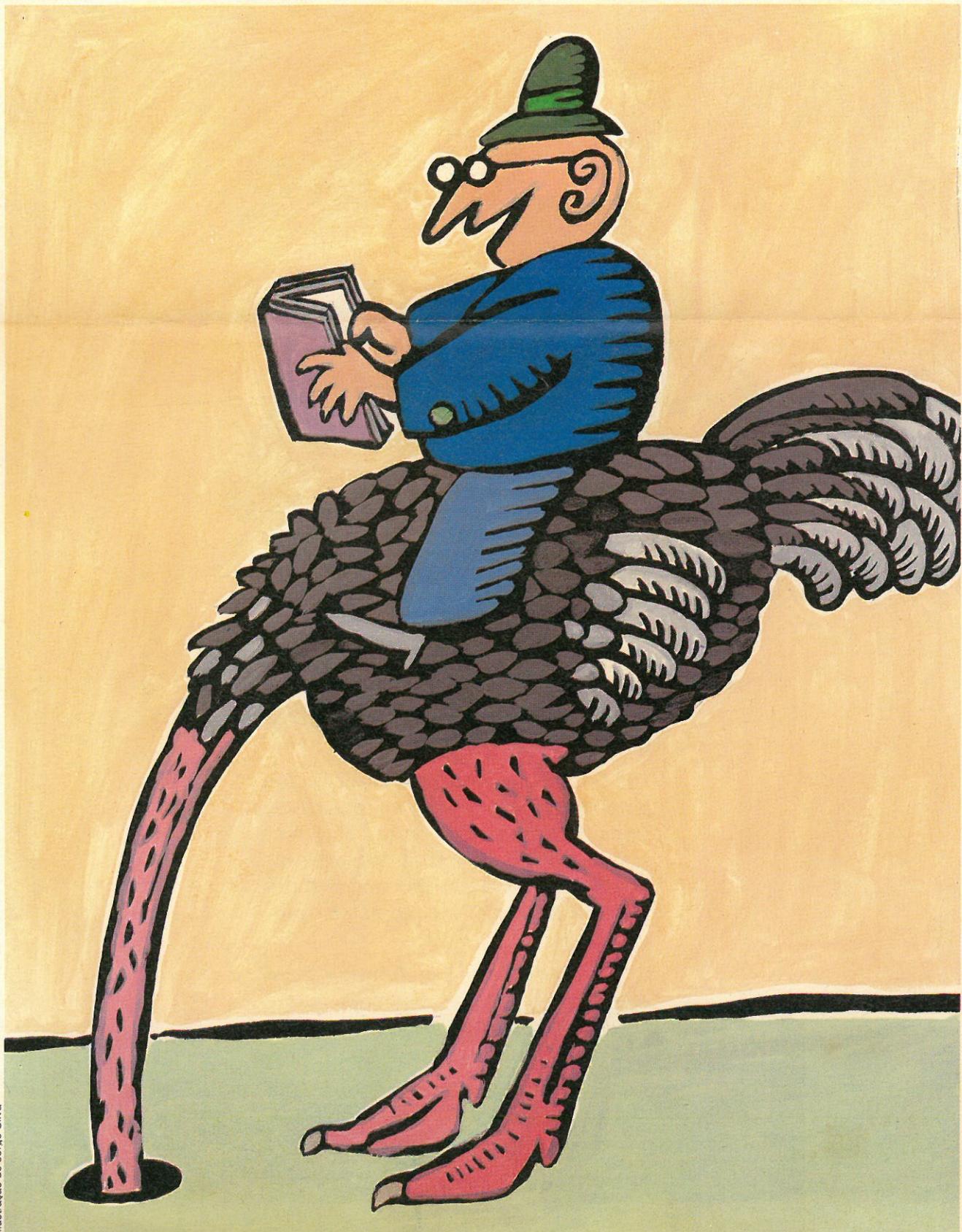


Ilustração de Jorge Silva